

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RAFAEL HOZANNAH DE ALBUQUERQUE

**MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E AS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE
DO FILME “AS SESSÕES” A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UM HOMEM COM
DEFICIÊNCIA VISUAL**

**MACEIÓ-AL
2025**

RAFAEL HOZANNAH DE ALBUQUERQUE

**MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E AS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE
DO FILME “AS SESSÕES” A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UM HOMEM COM
DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
como requisito à obtenção do grau de Bacharel
em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Elisa Meinerz

**MACEIÓ-AL
2025**

**Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Gislaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

A345m Albuquerque, Rafael Hozannah de.

Masculinidade, sexualidade e as relações de poder: uma análise do filme
“as sessões” a partir da perspectiva de um homem com deficiência visual /
Rafael Hozannah de Albuquerque. – 2025.

44 f. : il.

Orientadora: Nádia Elisa Meinerz.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia:
Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia.
Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 42- 44.

1. Pessoas com deficiência visual. 2. Masculinidade. 3. Sexualidade. 4.
Recepção Fílmica. 5. Masculinidade no cinema. I. Título.

CDU: 159.938.363.2-056.262



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: RAFAEL HOZANNAH DE ALBUQUERQUE

TÍTULO: MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E AS RELAÇÕES DE PODER: UMA ANÁLISE DO FILME “AS SESSÕES” A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UM HOMEM COM DEFICIÊNCIA VISUAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente

gov.br NADIA ELISA MEINERZ
Data: 11/03/2025 17:27:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nádia Meinerz - Doutorado
ORIENTADORA

Documento assinado digitalmente

gov.br NADJA MARIA VIEIRA DA SILVA
Data: 13/03/2025 10:58:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nadja Maria Vieira da Silva - Doutorado
AVALIADORA

APROVADO EM 11/03/2025

Documento assinado digitalmente

gov.br SAULO LUDERS FERNANDES
Data: 17/03/2025 13:45:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes
COORDENAÇÃO DE TCC

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda as barreiras sociais enfrentadas por homens com deficiência no contexto da masculinidade, sexualidade e relações de poder com ênfase na estigmatização encontrada na sociedade. A pesquisa nasceu de reflexões sobre como os fatores socioculturais e o capacitismo podem influenciar a forma como somos percebidos e tratados, dificultando a inclusão em diversos aspectos da vida, especialmente no exercício pleno da sexualidade e na afirmação de nossa masculinidade. Para tal foi adotada uma metodologia de recepção filmica do longa metragem "As Sessões" (2012), na qual foi dividida em três momentos: assistir ao filme com a minha esposa, com um amigo com deficiência e sozinho. Paralelamente, foi realizada uma aproximação com a literatura sociológica sobre a masculinidade, sexualidade e as relações de poder no contexto de homens com deficiência. Os resultados são: uma reflexão tanto sobre minha experiência como homem cego, destacando as limitações impostas pela sociedade para a experiência da sexualidade. A experiência de assistir o filme com diferentes interlocutores enriqueceu e reafirmou a importância de reconhecer as pessoas com deficiência como indivíduos plenos. Foram observadas as barreiras evidenciadas nas relações de poder, onde a masculinidade frequentemente está associada a força e independência sendo negadas a homens com deficiência, enquanto nossa sexualidade é infantilizada ou invisibilizada. Por fim, esse trabalho reforça a necessidade de refletir sobre a pessoa com deficiência como indivíduo que tem seu direito à participação social, à acessibilidade, como ao direito de se expressar em sua sexualidade e masculinidade.

Palavras chaves: Masculinidade; Sexualidade; Pessoa com Deficiência; Recepção Fílmica; Religiosidade; Deficiência Visual.

ABSTRACT

This Course Completion Work addresses the social barriers faced by men with disabilities in the context of masculinity, sexuality and power relations with an emphasis on the stigmatization found in society. The research was born from reflections on how sociocultural factors and ableism can influence the way we are perceived and treated, making inclusion difficult in different aspects of life, especially in the full exercise of sexuality and the affirmation of our masculinity. To this end, a film reception methodology was adopted for the feature film "As Sessões" (2012), which was divided into three moments: watching the film with my wife, with a disabled friend and alone. At the same time, an approach was made to sociological literature on masculinity, sexuality and power relations in the context of men with disabilities. The results are: a reflection on my experience as a blind man, highlighting the limitations imposed by society on the experience of sexuality. The experience of watching the film with different interlocutors enriched and reaffirmed the importance of recognizing people with disabilities as full individuals. Barriers evidenced in power relations were observed, where masculinity is often associated with strength and independence being denied to men with disabilities, while our sexuality is infantilized or made invisible. Finally, this work reinforces the need to reflect on people with disabilities as individuals who have the right to social participation, accessibility, and the right to express themselves in their sexuality and masculinity.

Keywords: Masculinity; Sexuality; Disabled Persons; Film Reception; Religiosity; Visually Impaired.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 ACESSOS E DIÁLOGOS DO FILME.....	14
2.1 Junto com a minha esposa.....	16
2.2 Junto com um amigo PCD.....	18
2.3 Eu assistindo o filme sozinho.....	21
3 A DEFICIÊNCIA COMO ELA É PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	23
3.1 Análise do poema de Mark presente no filme.....	25
4 A RELIGIÃO COMO FONTE DE ABSOLVIÇÃO, OPRESSÃO E CONDENAÇÃO...	29
5 MASCULINIDADE E A SEXUALIDADE EM NOSSAS VIDAS.....	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objeto as barreiras atitudinais construídas socialmente quanto a sexualidade e a masculinidade de pessoas com deficiência e como o indivíduo lida com as consequências da estigmatização, buscando compreender como a produção cinematográfica pode contribuir para a desconstrução de preconceitos. O interesse pelo tema surgiu a partir do contato com a temática do filme 'As Sessões' (2012) devido a sua abordagem complexa e realista da experiência da pessoa com deficiência. Ao analisar as relações sociais, a sexualidade, a masculinidade e o sofrimento psicológico, a obra contribui para uma reflexão crítica sobre a visão limitada da sociedade acerca da sexualidade da pessoa com deficiência.

O enredo do filme baseia-se na história de Mark O'Brien, indivíduo com poliomielite¹ desde a primeira infância que vive em um “pulmão de aço²”, onde de maneira realista, retrata os conflitos internos e externos enfrentados por pessoas com deficiência ao explorar sua sexualidade. Essa representação cinematográfica ressoa profundamente em minha própria jornada de autodescobrimento e aceitação.

Apesar da obra estar centrada na experiência de um indivíduo com poliomielite, tocou-me de forma pessoal. Embora sejamos homens com deficiências distintas uma da outra, isto não significa que tanto eu quanto Mark não tenhamos experiências e situações muito próximas uma da outra. As emoções e os desafios retratados, como o sofrimento, a angústia e a culpa, transcendem a especificidade do diagnóstico, criando uma ponte entre minha própria vivência e a do personagem, senti-me profundamente conectado com sua jornada.

A poliomielite, vista pela primeira vez em minha vida a partir deste filme, me colocou em uma posição muito incômoda, em relação à sexualidade e à masculinidade. A sociedade, muitas vezes, impõe expectativas irreais sobre o corpo masculino, especialmente aquele considerado “perfeito e capaz”. Sentir-se inadequado em relação a esses padrões, somado às limitações físicas impostas pela minha condição, me fez refletir sobre a minha própria masculinidade. As relações de poder também se fazem presentes nessa dinâmica, pois a deficiência visual me coloca em uma posição de vulnerabilidade, o que pode influenciar a forma como sou percebido e tratado nos relacionamentos.

¹ Doença viral aguda contagiosa transmitida por contato direto com fezes ou com secreções eliminadas pela boca das pessoas doentes. A infecção pode acontecer em crianças e adultos, onde os casos mais graves pode acarretar paralisia nos membros inferiores.

² Nome popular do respirador artificial, cilindro metálico que atua por meio de variações de pressão positiva e negativa, simulando o movimento da caixa torácica e do diafragma no processo de respiração, utilizado em caso de insuficiência respiratória grave, como na poliomielite. O paciente ficava com a cabeça para fora do cilindro inspirando o ar natural.

A percepção da sexualidade e masculinidade de pessoas com deficiência é frequentemente distorcida em nossa sociedade. Meinerz (2017), em seu artigo "Este corpo me pertence?", aborda uma visão profundamente enraizada em nossa cultura: a tendência de infantilizar indivíduos com deficiência. Esta perspectiva, que se manifesta como um comportamento atitudinal, não apenas é evidente no filme mencionado, mas também permeia minha experiência pessoal de vida. Tal abordagem afeta significativamente a forma como a sociedade comprehende e interage com a sexualidade e a masculinidade das pessoas com deficiência, muitas vezes negando-lhes a autonomia e o reconhecimento como adultos sexualmente ativos e completos.

É frequente que as pessoas, ao se dirigirem a mim e à minha esposa, equivocadamente a confundam com minha mãe. Esta situação reflete um preconceito social comum enfrentado por casais onde um dos parceiros tem uma deficiência. No filme, uma cena específica ilustra uma experiência semelhante: Mark, também uma pessoa com deficiência, sente o desejo momentâneo de exibir para todos os presentes que ele é capaz de estar acompanhado por uma mulher atraente. Este impulso de Mark demonstra a necessidade que muitas pessoas com deficiência sentem de afirmar sua capacidade de ter relacionamentos românticos, desafiando as percepções errôneas da sociedade sobre sua vida amorosa e sexual. Ambas as situações - a minha experiência pessoal e a cena do filme - evidenciam os processos psíquicos complexos pelos quais os homens com deficiência passam na construção de seus relacionamentos amorosos.

O filme traz diferentes formas de provação que convergem e muito com a minha realidade. Ainda no artigo de Meinerz, quando se trata das pessoas nos olharem como indivíduos inocentes e a partir disto, não me enxergarem como um homem que mesmo com cegueira, tenho desejos, libido e sonhos, assim como qualquer outra pessoa. Então, estes discursos continuarão sendo perpetuados, e toda vez que eu falar que esta mulher é minha esposa, esta afirmação irá gerar no mínimo um desconforto para todos os envolvidos.

Em seu artigo intitulado "Ao ver uma substituta sexual" (1990), O'Brien expõe sua biografia com detalhes de sua experiência com sua sexualidade e masculinidade ao ser virgem aos 38 anos, o qual inspirou o diretor australiano Ben Lewin para representar cinematograficamente os desafios enfrentados pela pessoa com deficiência em seu drama romântico. Juntamente com o filme, esse artigo norteia minha análise, onde ele irá detalhar aspectos que são complementares aos apresentados no filme acerca da sexualidade de homens com deficiência. O modelo social da deficiência, conforme descrito por Diniz (2007), enfatiza que a deficiência não deve ser reduzida a uma mera incapacidade física ou mental. Ao

contrário, este modelo de uma definição sociológica da deficiência propõe uma compreensão mais abrangente e coletiva, reconhecendo que as características e experiências da deficiência variam de acordo com o contexto cultural, social e pessoal de cada indivíduo.

A definição sociológica da deficiência é incorporada na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a partir da interação entre as limitações e comprometimentos corporais e as barreiras sociais que limitam a participação plena do indivíduo. Neste trabalho, será enfocado barreiras atitudinais que depreciam a sexualidade de homens com deficiência.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, em seu Capítulo I, artigo 3º define barreira como “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros³³”.

Vale ressaltar que estas barreiras não atuam de forma isolada na vida da pessoa com deficiência, elas geralmente existem e ou acontecem simultaneamente e é por essa razão, que é muito importante sabermos identificá-las. Neste sentido, as desigualdades não são condições inerentes às pessoas com impedimentos sensoriais, motores, intelectuais ou físicos, mas são as barreiras sociais que, ao restringir a participação dessas pessoas, provocam a experiência da desigualdade. Portanto, a desconstrução das barreiras sociais é uma condição fundamental para que as pessoas com deficiência possam participar plenamente da vida em sociedade e em equidade de condições com as demais pessoas. Pelo exposto, este estudo tem como questão norteadora: Quais barreiras em relação a sexualidade e a masculinidade podem ser discutidas através do Filme "As Sessões". A partir dessa pergunta exploro as barreiras atitudinais construídas socialmente quanto à sexualidade e a masculinidade, relacionando a experiência do protagonista do filme e as minhas próprias experiências como homem que ficou cego a partir de uma patologia chamada Retinose Pigmentar. Também busco compreender como a produção cinematográfica pode contribuir para a desconstrução de preconceitos. O trabalho foi organizado nas seguintes sessões: acessos e diálogos do filme, a deficiência como ela é para as pessoas com deficiência, a religião como fonte de absolvição, opressão e condenação, a masculinidade e a sexualidade em nossas vidas e considerações finais.

³³ De acordo com esta Lei, há seis tipos de barreiras que podem estar relacionadas à vida das pessoas com deficiência: as barreiras urbanas, existentes em vias e espaços de uso coletivo; as arquitetônicas, encontradas em edifícios; aquelas presentes nos meios de transportes; as de comunicação e informação; as atitudinais, que dizem respeito a valores morais, a ética, a ações e omissões a partir destes valores morais e ético e as barreiras que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias.

Antes de avançar nesses tópicos, trago uma breve contextualização da minha experiência de deficiência visual. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2022, estimou em 18,6 milhões de pessoas no Brasil com deficiência de 2 anos ou mais de idade, com maior prevalência no Nordeste (10,3%). No que se refere a deficiência visual, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que no Brasil cerca de 50 mil pessoas sofrem a Retinose Pigmentar⁴(RP); e acredita que outros 3,6 milhões de brasileiros carregam o gene da doença, mas não vão manifestá-la; mundialmente, 1 a cada 4 mil pessoas são afetadas pelo problema. A Retinose Pigmentar, uma condição hereditária que afeta progressivamente a retina, causando perda gradual da visão. Esta doença tem sido parte integrante da minha vida desde a infância, moldando minha experiência e percepção do mundo ao longo dos anos. O curso da RP em meu caso evoluiu para um estágio avançado, resultando atualmente em cegueira total em ambos os olhos.

Como eu não nasci cego, eu não tive muitos problemas até os meus 33 anos, onde nesta idade que eu fiquei totalmente cego. E foi a partir daí que eu vi pela primeira vez, de forma nua e crua, todas as facetas das barreiras que até então estavam invisíveis para mim. A Retinose Pigmentar se manifestou em mim ainda quando eu era criança. Lembro-me de ter problemas como a cegueira noturna e a perda da visão periférica quando eu ainda estava na 4^a série do antigo Ensino Fundamental. Há 30 anos, quase nada ou pouco se sabia sobre a doença. Tanto é que meu pai já havia perdido as contas de quantos oftalmologistas nós já havíamos passado. E todos, sem exceção, faziam a mesma orientação de uso contínuo de óculos e alimentação balanceada. O resultado dessa falta de conhecimento resultou em somadas perseguições e agressões, hoje chamadas de bullying, gratuitas de alunos que descobriram que eu tinha uma perda da visão significativa e com isso viviam me agredindo, tanto dentro da escola, quanto fora dela. E por causa dessas barreiras atitudinais vindas desses garotos, eu estava aos 20 anos de idade com o antigo Ensino Fundamental incompleto. Conclui o Ensino Médio em 2004 por meio do supletivo⁵.

No final de 2005 eu me mudei para a cidade de Maceió/AL. Minha visão já estava bem comprometida, mas mesmo assim, eu me mudei para esta cidade para poder trabalhar. No entanto, nunca consegui trabalhar com a carteira assinada, mesmo sendo pela lei as cotas para

⁴ Doença congênita que causa degeneração da retina, resultando na diminuição da função dos cones e bastonetes, elementos essenciais para visualização das cores, precisão e centralização da visão. Por não ser uma doença isolada, pode estar associada a outras síndromes, como a de Usher, que além da perda visual, também provoca uma perda simultânea da audição. A cegueira noturna é um dos sintomas mais frequentes da RP e sintomas iniciais de diminuição da visão central e a capacidade de identificar as cores.

⁵ Nome antigo do programa educacional, no qual foi substituído pelo Ministério da Educação (MEC) pela sigla EJA (Educação de Jovens e Adultos), que visa ajudar pessoas que não concluíram o ensino fundamental ou médio no tempo regular.

pessoas com deficiência, o que era ofertado a mim era pela informalidade. Eu trabalhei dando aulas de reforço para o Ensino Fundamental e Médio, fazendo montagem e manutenção de computadores, chegando até abrir uma Lan House⁶, entre os anos de 2009 a 2013.

E no período de 2013 a 2016, eu e minha esposa, fomos convidados a participar de um projeto social que viajava pelo Brasil. Ofertando cursos de empreendedorismo, empregabilidade e de informática. Onde eu e minha esposa estávamos responsáveis pelos cursos em empreendedorismo. Em 2008 fui morar junto com a minha atual esposa. Ela já sabia que eu poderia ficar cego de ambos os olhos, porém, assim como qualquer outra pessoa próxima de mim, como meus pais e irmãos, ela também ignorava que esta possibilidade jamais fosse acontecer. Um ano depois consegui fazer um exame chamado angiofluoresceinografia, onde analisa as condições dos vasos sanguíneos da retina e da coróide. A partir deste resultado do exame, eu procurei conhecer tecnologias e estratégias que pudessem diminuir o impacto de uma possível cegueira total dos meus olhos, a fim de continuar funcional e produtivo.

Em 2011 eu fiquei cego do olho direito. Foi um susto enorme perceber que havia perdido a visão deste olho. Mas, o que mais me preocupava era como eu iria dizer que perdi a visão do olho direito para a minha companheira. Admito que eu estava muito tranquilo, porém, a minha companheira não aguentou receber esta notícia tranquilamente. Ela entrou em desespero e começou a falar um monte de coisas sem sentido. Mas, eu entendia a situação dela, até porque muito provavelmente eu também devo ter me perguntado as mesmas coisas que ela. Porém, eu não podia perder a calma, mas, era inevitável pensar nessas coisas como: o que vou fazer agora? Vou ficar cego e ser um peso morto para alguém? Foram perguntas que eu também pensava, mas não podia deixar que isso, que esses medos e temores tomassem conta dos meus pensamentos.

E foi durante a nossa participação no projeto social que se chamava “Aprender e Transformar⁷”, em 2014 na cidade de Mossoró/RN, que fiquei cego definitivamente. Lembro que levei ainda uns três meses para dizer que fiquei cego totalmente, não apenas para a minha esposa, mas para toda a equipe do projeto. E quando eu revelei isto para todos, pelo menos logo no início um clima tenso, nervoso e de angústia ficou pairando, até que aos poucos todos nós já havíamos refletido e percebido que ninguém havia percebido que eu estava cego há três

⁶ Estabelecimento que oferta a locação de uso e acesso a programas e jogos de computador, interligados, ou não, em rede local ou conectados à rede mundial de computadores (internet).

⁷ Programa itinerante em parceria da Organização Não Governamental Recode com a Casas Bahia que ofertou cursos gratuitos de empreendedorismo, empregabilidade e informática em diversas cidades do Brasil.

meses. Com os meus colegas de trabalho, foi até simples tranquilizá-los. Já com a minha esposa, foi mais difícil e prolongado o tempo em que ela aceitou a nossa realidade.

E em 2017 após o nosso último ano no projeto, eu havia decidido junto com minha esposa, que iria voltar a estudar após 15 anos de ter concluído o ensino médio. Durante o projeto social que eu havia me decidido que queria a Psicologia em minha vida. Entrei na UFAL em 2018.1, e a minha passagem aqui nesta Universidade foi muito boa para mim. Encontrei em muitos lugares um lugar acolhedor, com discentes, servidores públicos e privados totalmente gentis, empáticos e solidários. Porém, o mesmo posso dizer sobre o oposto, ofensivos nas suas ações e omissões, expressas ou veladas, que fazem uso dos discursos sobre inclusão, no entanto, o que fazem é exatamente segregar, excluir e quando muito fazem uma integração mascarada de inclusão.

Porém, não é este viés retrógrado desses movimentos sociais que embalaram a minha jornada dentro desta Universidade e sim o acolhimento, a camaradagem, as boas amizades tanto com discentes, alunos, servidores e a certeza de que durante a minha passagem aqui dentro, eu respeitei e fui respeitado e por isso eu sei que sou bem vindo em qualquer parte dentro desta Universidade que durante estes anos que permaneci aqui, ela foi a minha segunda casa. No entanto, vale enfatizar que o apoio e a parceria com a minha esposa foi fundamental para a minha permanência aqui na UFAL. Fizemos uma boa logística de horários e traslados que me ajudaram a ter o máximo de autonomia, em todos os momentos em que ela não podia estar presente comigo.

Aprendi por conta própria a me adaptar ao meio que vivo, tanto quanto a utilização de ferramentas assistivas, o uso da bengala, programas para computadores e celular como os leitores de tela como o NVDA⁸ e o Talkback⁹, e conhecer outras pessoas com deficiência visual assim como eu. Aqui um fato bem curioso, pelo fato de eu ter intimidade com a informática e também ter uma boa percepção dos sons e ruídos, eu não faço uso, por exemplo, das áudios-descrições dos filmes e séries. Para mim, este recurso mais atrapalha do que me ajuda, pois a voz artificial nos momentos de silêncio entre as cenas explicando o ambiente desvia o foco necessário para me conectar com a obra. O mesmo serve para o Braille, para mim, ele se tornou obsoleto graças à minha familiaridade com a informática, valendo ressaltar que estas afirmações são válidas apenas para mim, ou seja, para uma outra pessoa com deficiência visual esta realidade poderá ser diferente da minha. E dito isto, acredito que seja

⁸ NVDA = *NonVisual Desktop Access* é um leitor de ecrã, livre e de código aberto, para o sistema operativo Microsoft Windows. As informações do programa são fornecidas através de voz sintética e/ou Braille.

⁹ Leitor de tela do Google incluso em dispositivos Android que permite seu controle sem usar a visão.

importante colocar aqui uma afirmação, em que de acordo com Deborah Diniz (2007, pág. 70) “o cuidado e a interdependência são princípios que estruturam a vida social.”. E o que isto quer dizer? Traz a importância essencial das relações de cuidado e da interconexão entre as pessoas para a formação e manutenção das sociedades.

A relação terapêutica entre Mark O'Brien e sua terapeuta sexual no artigo "Ao ver uma substituta sexual" ilustra o princípio de cuidado e interdependência destacado por Deborah Diniz. Essa interação demonstra como o cuidado especializado e a compreensão mútua podem ser fundamentais para que pessoas com deficiência explorem sua sexualidade de forma segura e respeitosa, desafiando a noção de independência absoluta e reconhecendo a importância das relações de apoio.

A pesquisadora enfatiza que a vida em sociedade implica a interdependência, ou seja, a necessidade vital de contarmos uns com os outros para sobreviver e prosperar. Nenhuma pessoa é um indivíduo que está excluído, segregado ou isolado, assim, todos nós fazemos parte de uma rede de relações que nos influenciam e são influenciadas por nós. Ao afirmar que esses princípios "estruturam a vida social", Diniz lembra que o cuidado e a interdependência não são apenas aspectos secundários ou opcionais da vida em sociedade, mas sim elementos constitutivos de sua própria organização.

Robert McRuer (2021) argumenta que o capitalismo neoliberal celebra as diferenças apenas como um artifício de controle, onde o neoliberalismo apropria a autonomia individual para a máquina capitalista. Como homem com deficiência, é perceptível essa celebração limitada como uma forma de inclusão superficial, que não desafia o capitalismo estrutural. Para fazer frente a essa estrutura, McRuer considera que a teoria crip vai além dos estudos tradicionais de deficiência, buscando interromper práticas de escrita padrão e convidar os pesquisadores a se desligarem da produção e se concentrarem no processo. Eu, como uma pessoa que experiencia o mundo de maneira sensorial diferenciada, considero que essa crítica pode ressoar na forma como acessibilidade e inclusividade se refletem não só no conteúdo, mas também na forma e ritmo de aprendizado.

Em relação à importância de coalizões e da resistência ao neoliberalismo, o autor afirma que a teoria crip é uma virada em direção ao materialismo dentro dos estudos sobre deficiência e destaca a necessidade de novos diálogos e "solidariedade de deficiência". Compreendo também que se trata de um reconhecimento de necessidades concretas de pessoas com deficiência, ao invés de abordagens apenas simbólicas de inclusão. Finalmente, ao comentar sobre a teoria queer e a teoria crip, observa-se que elas se envolvem totalmente

com a noção de Foucault de que, na verdade, nada é inocente e tudo é realmente perigoso no neoliberalismo (McRuer, 2017).

Como pessoa cega, vivo uma frustração com ambientes que se dizem "inclusivos" mas falham em garantir o acesso completo e autônomo. Essa atitude assertiva dos ativistas ressalta uma crítica fundamental à negligência das necessidades básicas de participação, onde a integração é mascarada pelos discursos inclusivos. Como nos mostra McRuer (2017) o neoliberalismo absorve as diferenças, mas somente se estas se conformam aos padrões e valores dominantes. Essa absorção se torna perigosa porque limita o potencial de transformação radical que movimentos como os de deficiência poderiam promover. Como pessoa cega, identifico que o "bom sujeito deficiente" implica uma adaptação acrítica aos sistemas existentes, o que se opõe ao desejo de maior autonomia e liberdade que muitos de nós buscamos. A pressão para sermos vistos como "bons exemplos" ou "modelos de superação" pode minar o ativismo que desafia normas excludentes, ao reduzir a deficiência a uma questão de esforço individual, em vez de uma necessidade de justiça social estrutural.

2 ACESSOS E DIÁLOGOS DO FILME

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa realizado por meio da assistência do filme "As Sessões" (2012) e do diálogo com as teorias sociais sobre deficiência, sexualidade e masculinidade. A minha imersão no filme se deu em três etapas: 1 – Junto com minha esposa; 2 – Junto de um amigo com deficiência e 3 – Apenas eu. Foram analisados elementos como a trama, os personagens, as relações interpessoais e a forma como a deficiência é representada visualmente e discursivamente. A análise buscou identificar estereótipos, desafios e oportunidades presentes na representação da sexualidade e da masculinidade do protagonista.

A metodologia de análise se apoia na obra de Carlos Reyna (2017), onde se destaca a relação inerente entre as narrativas cinematográficas e as práticas culturais. O autor enfoca a análise crítica das relações de poder, da observação do comportamento sociocultural, com ênfase em grupos minoritários e marginalizados. Ao abraçar essa metodologia, a pesquisa antropológica ganha uma ferramenta poderosa para analisar como o cinema não apenas cogita, mas também adapta identidades e percepções culturais. Além disso, as narrativas cinematográficas oferecem dados ricos e variados que podem ser analisados como formas de discurso cultural. A utilização do cinema como objeto de estudo permite alcançar visões de

mundo, valores e comportamentos de diferentes sociedades, expandindo o repertório analítico do pesquisador.

A provocação de uma reflexão crítica sobre o próprio ato de contar histórias é fundamental na antropologia, pois provoca os pesquisadores a questionarem suas próprias posições e preconceitos ao interpretar narrativas, sejam elas filmadas ou não. Isso porque o cinema é uma forma de arte amplamente acessível, ainda que a inclusão não esteja totalmente inserida em todos os espaços da sétima arte, e influencia uma extensa audiência. A assimilação dessa forma de narrativa na pesquisa antropológica pode provocar resultados mais comprehensíveis e impactantes, atingindo um público mais amplo e promovendo diálogos interculturais.

A metodologia de Reyna permite uma análise de múltiplas dimensões, ou seja, ele considera também o conteúdo, a forma e o contexto histórico cultural das produções cinematográficas. E desta forma, valoriza a compreensão e a hermenêutica dos fenômenos culturais que moldam as narrativas. E neste sentido, Reyna, busca uma interdisciplinaridade onde a antropologia é incluída junto aos estudos e pesquisa com outras áreas como a sociologia, a psicologia e ao cinema. E desta forma podendo expandir suas ferramentas analíticas, oferecendo contribuições significativas ao entendimento das dinâmicas culturais contemporâneas.

Outro suporte é o trabalho de Souza (2012) que classifica os estudos antropológicos sobre cinema em três eixos principais: a) Estudos sobre a comunidade de realizadores: Focam na dinâmica entre cineastas, suas práticas criativas, interações e influências mútuas; b) Análises das narrativas cinematográficas: Investigam como as histórias são construídas e os impactos que provocam nos espectadores, considerando elementos como enredo e personagens; c) investigar a relação entre as imagens e os sons e como as pessoas são afetadas e dão novos significados ao fazerem suas reinterpretações.

Considerando essas três opções, esse trabalho dialoga com a terceira, considerando a minha perspectiva como pessoa cega na recepção dessa obra. Então, a trilha sonora, os diálogos e os efeitos sonoros foram analisados para eu poder identificar como esses elementos contribuíram para a experiência e a imersão sensorial e emocional do telespectador.

Neste sentido, creio que as minhas experiências foram fundamentais para a pesquisa, porque proporcionou um olhar singular e crítico sobre a representação da deficiência no filme. A comparação entre a minha deficiência e a deficiência do protagonista do filme, permitiu identificar pontos de convergências e divergências, contribuindo para uma análise mais completa e significativa.

Souza (2012), em seu artigo defende a aplicação de métodos etnográficos para aprofundar a compreensão da dinâmica da análise filmica, investigando a relação entre o espectador e o filme de forma mais completa. Essa abordagem considera o público como um participante ativo, capaz de reinterpretar imagens e sons com base em suas próprias experiências de vida, em vez de um simples espectador passivo.

2.1 Junto com a minha esposa

Esse primeiro contato com o filme foi desafiador. Estou casado há 16 anos e há dez anos sou cego. No entanto, minha esposa geralmente me trata como se eu ainda enxergasse. Acredito que isso se deve à minha própria autonomia, que ela reconhece, mesmo com a deficiência. Apesar de ser independente, ainda preciso de apoio em certos momentos, como quando assistimos a um filme. Orientei-a para que auxiliasse, pois mesmo existindo a audiodescrição do filme, eles atrapalham mais do que ajudam. Nesse momento, a ajuda de minha esposa foi essencial para a compreensão do cerne da obra cinematográfica.

Durante a exibição do filme percebi que não fui capaz de pedir as descrições do que eu não via. Nos primeiros dez minutos, deixei passar, mas a tensão aumentou à medida que o protagonista, Mark O'Brien, se movimentava. Ouvi o som de rodas e fiquei angustiado, sem entender de onde vinha aquele barulho. Perguntei à minha esposa:

— Será que você poderia me dizer o que são esses barulhos de rodas?

Ela respondeu:

— São de uma maca. Ele vive nela.

O curioso é que, em vez de me sentir satisfeito com a resposta, me ocorreu que a explicação estava muito limitada. Então, insisti:

— Só isso?

Ela, sem demonstrar irritação, respondeu:

— E o que mais você quer saber?

Senti as barreiras de ser cego por não conseguir captar todas as informações visuais que circundavam minha esposa ao mesmo tempo. A percepção auditiva já não era suficiente para compreender o contexto da cena. E assim, com paciência, ela me descreveu como o protagonista se deslocava sobre a maca, revelando detalhes sutis que tornavam a cena mais vívida para mim. Depois, ela acrescentou:

— Poxa, Rafa, às vezes eu esqueço que você não enxerga. Mas eu vou ter que descrever tudo o que aparecer no filme?

Eu ri e respondi: Não precisa descrever tudo, porque assim a gente não vai terminar o filme nunca.

Compreendo o lado dela. Apesar de ter um marido cego, adaptar-se à minha nova realidade de pessoa com deficiência demanda dedicação e reconhecimento da singularidade do outro, assim como eu aprendi a viver ao longo dos 10 anos de cegueira. Ao mesmo tempo, ela acompanhava o meu progresso e evolução em busca de autonomia.

À medida que o filme avançava, sempre que eu precisava de algumas informações extras sobre o que estava acontecendo, seja pelo som, ruídos ou o silêncio que por vezes dominava a cena, minha esposa tentava descrever à sua maneira. Em alguns momentos, ela me perguntava: “Quer que eu descreva?” ou “Está entendendo a cena?”. Embora sua intenção fosse sempre positiva, frequentemente faltava algo em sua descrição. Porém, o empenho dela em traduzir as imagens para que eu pudesse me imergir na trama era inegável.

Lembro de uma cena marcante em que Mark, interpretado por John Hawkes, percebe sua condição de forma crua e tocante. Ao compartilhar aquele momento, mesmo que com brevidade, minha esposa usou sua intuição para me guiar. Tentou capturar a esperança misturada à fragilidade do protagonista. E eu, mesmo sem as imagens, sentia a força daquela narrativa ressoar profundamente em mim.

Algo que me veio à tona na mente dela foi o que estávamos em um restaurante, nossa comemoração de 10 anos de casados. Saímos para jantar e logo na entrada veio a gafe: “Pronto senhora, venha para esta mesa aqui. A senhora sente-se aqui e vou colocar seu filho nesta outra cadeira.”. Em uma cena específica do filme Mark está em um restaurante com Cheryl, a ideia de Mark era apenas ostentar para todas as pessoas ali presentes, que ele, pessoa com deficiência, pode estar acompanhado na presença de uma linda mulher.

Ela pode reconhecer as nuances entre os estigmas presentes na sociedade no que diz à julgamentos de relacionamentos entre pessoas com deficiência e as consideradas “normais”. Ela lembrou das mudanças necessárias em nosso relacionamento no primeiro ano em que eu fiquei cego totalmente. Assim como a ajuda especializada da terapeuta no filme foi essencial para que Mark tivesse coragem de enfrentar seus medos, a nossa busca por uma sexóloga foi primordial para nossa vida sexual. Ao invés de seduzir-me pelo visual, ela aprendeu a usar seu tom de voz mais atraente, perfumar-se de maneira diferente e tocar-me para sinalizar seu desejo de ter um momento para nós.

Quando a personagem Cheryl propôs a Mark a sessão de conscientização do seu corpo, minha esposa recordou nesse momento da sua experiência como o meu mundo no dia em que pedi-a para por um momento durante a relação sexual fechar seus olhos, experimentar o que eu vivo. Com medo do “novo”, da escuridão, as milhares de perguntas surgiram em sua mente — Como será a condução? Como vou poder ajudar? —. Nesse instante eu disse a ela que tão somente se entregasse ao nosso momento. Mesmo com medo do desconhecido, ela se entregou à experiência. Minha esposa relatou ter sido a melhor experiência, pois além de descobrir ser capaz e ter a sua autonomia conforme o processo, também reconheceu partes do seu corpo de modo diferente, muito mais intensos e prazerosos.

Desse jeito, o filme se transformou em uma experiência compartilhada, onde a nossa comunicação se tornava ainda mais essencial. Juntos, entre palavras e silêncios, víamos não apenas a história contada, mas também o ato de contar um ao outro, tornando cada sessão um pequeno exercício de empatia mútua.

2.2 Junto com um amigo PCD

A princípio, este trabalho estava planejado para ser realizado em dupla, eu e meu colega de graduação, Paulo André, que aqui irei chamar de PA. Assim como eu, PA é uma pessoa com deficiência; no entanto, ele vive com atrofia muscular espinhal progressiva tipo II¹⁰. A proposta de trabalharmos juntos surgiu naturalmente, pois ambos compartilhamos a vontade de explorar nossas experiências como pessoas com deficiência, utilizando as leituras e o filme "As sessões" como base para o nosso estudo. Infelizmente, devido a questões de saúde, PA não pôde continuar participando da elaboração deste trabalho.

Ainda assim, tivemos a oportunidade de assistir ao filme juntos. Nos reunimos na casa dele e discutimos como ele poderia me ajudar a mergulhar na narrativa. PA foi bastante detalhista em suas descrições, com uma diferença significativa em relação à minha esposa, devido a sua identificação com o enredo do filme. Eu conseguia perceber o ambiente e os diálogos através dos sons: o tom das vozes, o barulho das rodas, o farfalhar das folhas e até o silêncio que permeia algumas cenas. A empatia que sentíamos um pelo outro era poderosa; nossas diferenças bio-socioculturais convergiam em algo comum: a relação de poder.

¹⁰ A Atrofia Muscular Espinhal (AME) é uma doença genética rara, degenerativa, que interfere na capacidade do corpo de produzir uma proteína essencial para a sobrevivência dos neurônios motores, responsáveis pelos gestos voluntários vitais simples do corpo, como respirar, engolir e se mover.

A partir da minha perspectiva de pessoa cega, percebo que as relações de poder não se limitam apenas nas imposições explícitas, mas também em formas sutis com que as distinções bissocioculturais convergem ou entram em atrito com contextos diversos. Durante as nossas trocas de experiências, entre mim e o PA ao assistirmos o filme, apesar de nossas diferenças surgiu uma empatia que ainda assim, nos revelou uma relação de poder embutida na narrativa e nos papéis desempenhados por cada um de nós. Cada um, em sua perspectiva, permitiu ao outro receptionar e compreender seus sentimentos em relação a cada cena do filme, onde permitimos sermos ensinados através da vivência do outro.

Kimmel (1988) oferece um arcabouço teórico para que nós possamos compreender estas dinâmicas ao argumentarmos que as masculinidades e as identidades diversas não são propriedade fixas ou naturais, mas construções sociais moldadas por relações de poder que atuam simultaneamente em dois níveis: a interação com mulheres, onde há desigualdade de gênero e a relação entre homens, que é marcada pela raça, sexualidade e classe social. Essa construção implica a emergência de um ideal hegemônico que só se define pela aniquilação, desvalorização do outro, onde a subalternidade da identidade é sufocada.

A experiência sensorial durante o filme destacou uma interação que, por um lado, refletia uma igualdade no reconhecimento empático e por outro, mostrava como as narrativas dominantes tentam capturar e impor significados fixos. Esse processo se alinha ao que Kimmel descreve como a constante necessidade de reafirmação do poder hegemônico, uma posição que limpa o espaço discursivo ao transformar diferenças em algo problemático.

Este meu entendimento me permite compreender como as relações de poder, ainda que muitas vezes são invisíveis para a quem as privilegia, tornam-se claramente perceptíveis aqueles que as vivem de forma subalternas. Onde a visibilidade das relações de poder permanecem muitas vezes como um luxo acessível a quem não é oprimido por ela.

Em "As sessões", a dinâmica entre o protagonista, que está confinado a uma maca, e as mulheres que o rodeiam traz à tona questões profundas, contestando não apenas a percepção da deficiência, mas também os estereótipos de masculinidade. Aprendi que o protagonista vivia deitado na maca e que as personagens femininas eram consideradas bonitas graças às intervenções de PA, diferentemente da explanação da minha esposa.

Assistir "As sessões" com PA foi uma experiência enriquecedora, já que nós, dois homens com deficiência, compartilhávamos a tela com um personagem que refletia nossas lutas e medos, mesmo que nossas deficiências fossem distintas. Através do filme, lembrava-me das barreiras atitudinais que enfrentamos que são universais entre nós.

Durante a exibição, preocupei-me com o esforço que PA estava fazendo para tornar a experiência acessível para mim, ciente de que um diálogo simples poderia ser exaustivo para ele. Eu frequentemente sugeria que ele não se esforçasse tanto, e sua resposta era reconfortante: "Fica tranquilo, Rafa, eu estou bem." Havia uma troca constante de cuidado entre nós. O filme, com suas nuances sobre relações de poder e desejos, ressoava profundamente com nossas experiências. Por trás de cada cena, podíamos perceber a carga pesada do preconceito que enfrentamos: olhares de pena, comentários como "ele nunca vai conseguir alguém para casar" ou "pra que estudar se você é aposentado?" — Palavras que perpetuam estereótipos de masculinidade e aniquilam a sexualidade das pessoas com deficiência.

Ao longo do dia, compartilhamos histórias e experiências sobre nossas vidas, onde o foco recaiu sobre nossas relações afetivas e a sexualidade. Foi quase no final do filme que o tema do sexo se tornou central em nossa conversa. Em uma cena impactante, o protagonista revela à enfermeira que não é virgem. PA interrompeu o filme para contar que também não era mais virgem e compartilhou um momento de desamor que o marcou profundamente. De repente, nosso espaço seguro se transformou em um campo de vulnerabilidade, onde pude confessar que passei por uma experiência semelhante, mesmo com a visão já comprometida.

Mark vai expressar esse mesmo sentimento em seu poema, onde a profunda insegurança e o medo em relação à sua própria sexualidade, especialmente devido aos olhares da sociedade à pessoas com deficiência o deixa aquém dos demais homens perfeitos e viris, a inveja daqueles que vivem sua sexualidade livremente, no qual o medo da desaprovação dos outros (principalmente dos pais), a transgressão de normas religiosas e a insegurança para tomar decisões sobrepuja à deficiência. Essas barreiras psicológicas retratadas pelos medos de Mark, tabus construídos ao longo do tempo perante sua vida sexual, reforçando essa repressão e impedindo-o de explorar livremente sua identidade sexual, uma experiência comum a muitas pessoas que crescem em ambientes conservadores ou que enfrentam barreiras adicionais devido a fatores como deficiência. A falta de educação sexual inclusiva e até a infantilização dificultam a explorarem sua sexualidade de maneira saudável.

Essa conversa nos levou a um território delicado, repleto de temas difíceis. Enfrentamos a dura realidade de uma sociedade que parece não estar preparada para nos compreender plenamente, um contexto onde preconceito, exclusão e indiferença ainda imperam.

É desolador perceber que, enquanto pessoas com deficiência, somos considerados "legais" o suficiente para cultivar amizades, mas muitas vezes excluídos do amor romântico,

como se fôssemos inadequados ou não dignos de sermos apaixonados. Essa é uma das verdades mais dolorosas que precisamos encarar, mas também uma que nos une em busca de compreensão e aceitação.

Eu tinha me apaixonado por várias pessoas, mulheres e homens, e esperava que elas me convidassem para sair ou me seduzissem. A maioria das pessoas com deficiência que eu conhecia em Berkeley eram sexualmente ativas, inclusive pessoas com deficiência tão deformadas quanto eu. Nada estava funcionando para mim da maneira passiva que eu queria, da maneira que funciona nos filmes. (O'BRIEN, 1990, tradução nossa).

Conforme a citação acima, encontramos a premeditação da rejeição que apavora algumas pessoas com deficiência tornando-as passivas, e não protagonistas da sua vida amorosa, como se não pudessem oferecer algo de bom para a sua existência. O desejo de conhecer várias formas de se relacionar pode ser visto como um avanço. O medo de se sentirem atraídos pelo sexo oposto, o estigma de serem pessoas com deficiência e não terem a sua sexualidade de “origem” (dada por Deus) é uma barreira ainda maior a ser enfrentada.

Essa citação demonstra que a dificuldade não está na deficiência em si, mas sim na forma como a pessoa com deficiência foi ensinada a encarar sua própria participação nas interações e frustrações românticas e sexuais. Eu e PA, com nossas experiências sexuais distintas e ao mesmo tempo parecidas em relação de como nos sentimos vivos sexualmente, revela nossa participação como homens igualmente desejáveis sexualmente. E traz uma reflexão sobre como a mídia e os padrões culturais moldam nossas expectativas sobre o amor, o desejo e de como o romance deve acontecer de forma espontânea e mágica, como nos filmes, sem que ele precise tomar iniciativa ainda é difundida e pode gerar frustração quando a realidade não corresponde a essa expectativa. Tanto eu quanto PA temos nossas barreiras que são desconstruídas a cada nova relação amorosa vivida. Assim, esse momento que tivemos trouxe à tona que apesar de avanços na inclusão, ainda há preconceitos que dificultam a vida amorosa e sexual de pessoas com deficiência e é preciso incentivar a autonomia e autoaceitação de ser uma pessoa com deficiência.

2.3 Eu assistindo o filme sozinho

O que mais me marcou durante a minha sessão de cinema foi a tranquilidade e o silêncio absoluto, onde pude me perder nas vozes dos personagens do filme “As Sessões” sem distrações externas. Acompanhado por todos os sons sutis que compõem a obra, essa

experiência se tornou um momento íntimo, onde o verdadeiro significado das falas e dos silêncios se destacou. Embora eu tenha tido a chance de assistir a filmes com a companhia de pessoas dispostas a me descrever os detalhes, prefiro assistir sem audiodescrição. Durante essa experiência solo, minha atenção não se concentrava nos barulhos urbanos ou no ambiente em que se passava a história do protagonista, mas sim nos diálogos intensos e no tom das vozes. Eu conseguia sentir cada respiração e cada pausa significativa que antecedia as falas. Essa conexão se dava, em parte, pela minha memória visual, já que tive visão antes e isso me ajuda a interpretar e entender os ambientes enquanto assisto.

No enredo de “As Sessões”, percebi o profundo drama do protagonista, Mark O’Brien, moldado por suas limitações físicas e os sentimentos de inadequação que permeavam sua existência. Ele lutava contra as barreiras que a deficiência impõe, uma batalha invisível que muitos enfrentam silenciosamente. Em diversos momentos, como quando Mark se vê refletindo sobre sua vida e suas relações, fica evidente o peso do que é ser visto como “menos” devido a sua condição. Essa trajetória é uma realidade que, como acredito, muitos com deficiência já vivenciaram em algum momento.

No entanto, em filmes como “As Sessões”, a disseminação das técnicas de audiodescrição não haviam acontecido, e só começaram a serem difundidas a partir da Lei Brasileira da Inclusão de 2015, importante para o avanço da audiodescrição no Brasil, não somente para a pessoas com deficiência visual, mas para pessoas com deficiência intelectual e com déficit de atenção, disléxicos, autistas, entre outros, onde até aqueles que não sabem ler podem ter acesso ao conteúdo transmitido, ou até mesmo idosos com dificuldades auditivas ou visuais podem imergir na temática, e assim esse avanço com as políticas públicas trouxeram para o cinema essa inclusão para a pessoa com deficiência e demais públicos.

É essencial reconhecer a importância das legislações que promovem a audiodescrição como um meio de inclusão. Elas visam garantir que as pessoas com deficiência visual tenham acesso equitativo ao mundo do entretenimento e à cultura. Entretanto, em uma era que valoriza a inclusão, é fundamental entender as necessidades individuais e proporcionar condições que ajudem cada um a alcançar sua autonomia. Criar espaços de inclusão acessíveis, tanto físicos quanto virtuais, é uma tarefa ainda em progresso.

Diferentes experiências me ensinaram muito sobre a apreciação cinematográfica. Assistir a um filme acompanhado oferece a oportunidade de discussões envolventes sobre a obra e as atuações. No entanto, para mim, a audiodescrição, mesmo com uma voz artificial, se torna uma distração. O foco necessário para absorver a obra se perde com essas inserções,

interferindo em como eu me conecto com a narrativa, se torna um obstáculo à minha imersão em filmes, séries e dessa forma prejudicando os desempenhos artísticos.

A voz mecânica se sobrepõe a outros sons e ruídos, perdendo a nuances que poderiam me transportar ainda mais para dentro da história, a ponto de não desejar assistir ao filme com esse recurso. Essa posição é reforçada pela minha experiência de já ter visto o mundo, o que me dá uma perspectiva única para interpretar o universo das narrativas visuais que ainda admiro. Ainda revela o problema da hegemonia dos tipos de deficiência, pois há diferenças entre as pessoas com o mesmo tipo de deficiência sensorial, intelectual ou física, seja por afinidades particulares como determinado recurso, seja pelo conhecimento de suas limitações.

Assim como eu, nem todas pessoas com baixa visão ou cegas irão utilizar como recurso o braille e nem todos surdos utilizarão a Libras para se comunicar, mas poderão escolher o gesto ou leitura labial. E nessa diversidade encontramos a nossa autonomia para escolher quais ferramentas adotaremos no nosso cotidiano. Essa distinção se dá pelos recursos ofertados durante toda a nossa vida, pois a minha memória visual da minha infância e contato com a informática no início da vida adulta me permitiu fazer uso de computadores e do NVDA em vez do braille.

3 A DEFICIÊNCIA COMO ELA É PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O ponto deste capítulo é apresentar como a teoria social da deficiência explica a exclusão, a segregação das pessoas com deficiência, não a partir das limitações sensoriais e sim da forma como a sociedade dá respostas às variações corporais. Essa teoria é produzida a partir da contribuição de pesquisadores que são também pessoas com deficiências empenhados em produzir informações sobre as barreiras sociais. A afirmação de Débora Diniz (2007) de que a deficiência é uma experiência que se vive, porém pouco compreendida corrobora de forma precisa a complexidade e a riqueza da experiência de ter uma deficiência. A antropóloga brasileira, reconhecida por suas pesquisas em bioética e direitos humanos, traz uma perspectiva singular e valiosa para a discussão sobre a deficiência, apartando a importância de compreender essa experiência para além de uma definição médica.

Diniz enfatiza que a deficiência não se limita ao diagnóstico, e sim, a uma experiência subjetiva e complexa, construída por fatores sociais, culturais e históricos. Cada pessoa com deficiência vivencia sua condição de forma única, orientada por suas singularidades, relações sociais e contexto cultural. Onde a falta de conhecimento sobre a deficiência é vista como um

problema individual, uma anormalidade que deve ser corrigida ou superada. E estas limitações culturais impedem que a sociedade reconheça as diversidades humanas e as contribuições que as pessoas com deficiência podem oferecer. E neste sentido, é correto afirmar que a perpetuação dessa nossa forma cultural de não saber lidar com a singularidade dos indivíduos poderá trazer diversas consequências irreparáveis tanto para nós, pessoas com deficiência, quanto para a sociedade em geral. Como por exemplo: 1 – o fortalecimento da discriminação e do preconceito 2 – o aumento do isolamento social 3 – a limitação de oportunidades e 4 – a perpetuação de estereótipos.

E em várias cenas do filme, nós nos deparamos com inúmeros momentos onde Mark reforça as suas inseguranças e o sentimento de dependência constante de outras pessoas para atividades cotidianas. Onde esta representação evidencia como a falta de acessibilidade e as barreiras sociais não se restringem apenas ao espaço físico, mas também as relações interpessoais, a auto imagem e o direito de experienciar a vida de maneira plena. E nesse sentido, o filme nos convida a fazermos reflexões sobre a importância de um olhar inclusivo, que reconheça a pessoa com deficiência para além de suas limitações, e assim garantir a dignidade e o respeito em todas as esferas da vida.

O modelo imposto pela sociedade destaca as relações de poder que subjugam à experiência das pessoas com deficiência visual. Essas relações se manifestam de diversas formas como: a) a falta de acessibilidade em espaços públicos e privados como calçadas, ruas, edifícios e transporte coletivos reduzem a mobilidade e a autonomia da pessoa com deficiência seja ela visual ou não. E assim, reforçando a sua dependência e subordinação às normativas hegemônicas; b) a linguagem utilizada para se referirem às pessoas cegas muitas vezes são carregadas de termos de cunho ofensivos, pejorativos e paternalistas que contribuem fortemente para o enrijecimento de uma imagem negativa, inferiorizada e subalterna aos discursos dominantes; c) a educação inclusiva embora seja um direito garantido por lei, ela ainda enfrenta diversos entraves como por exemplo a falta de recursos profissionais qualificados. E o resultado disto é que a pessoa com deficiência visual não tenha as mesmas condições de desenvolvimento equitativo aos demais; d) já no trabalho, as pessoas com deficiência visual enfrentam inúmeras barreiras para encontrar e se manterem nos empregos, devido aos preconceitos enraizados em nossa cultura.

É fundamental entendermos os desafios sociais e emocionais que muitas vezes são ignorados quando se trata sobre a inclusão de pessoas com deficiências. O preconceito, a falta de acessibilidade e as barreiras atitudinais são alguns dos obstáculos enfrentados diariamente. E em uma das cenas, onde Mark terá sua primeira experiência íntima junto a sua terapeuta,

onde este momento é retratado com muita delicadeza e humanidade, mostrando não apenas a descoberta de sua sexualidade, mas também a sua busca por uma conexão, afeto e aceitação. Esta cena evidencia como a deficiência não anula os desejos e os sentimentos que compõem a experiência humana. O total desconforto de Mark e a sua vulnerabilidade diante de algo novo mostram a importância de um olhar mais empático da sociedade, e que seja capaz de enxergar para além das limitações físicas. E nesse sentido, fica evidente a importância de políticas públicas e ações educativas que promovam a inclusão e o respeito. O filme ao humanizar a vivência de pessoas com deficiência, reforça a necessidade de um ambiente social que acolha e valorize a diversidade em todas as suas formas.

3.1 Análise do poema de Mark presente no filme

Poema “faculdade e formatura”

Hoje eu ouço as pessoas aplaudindo
 Recebi parabéns dos meus amigos
 Hoje eu me pergunto se tenho um lugar entre os outros
 Que estudaram, leram, escreveram e passaram no teste beca e cabelo
 Hoje espero que vejam um homem em cima do palco.

O poema “faculdade e formatura” escrito por O'Brien foi apresentado na primeira cena do filme numa reportagem na qual mostra a trajetória de Mark como estudante universitário com um sonho de ser escritor. Um homem com poliomielite, indo à Universidade de Berkeley em sua maca motorizada, “paralizado, porém com uma mente aguçada e alerta”, afirma o repórter. Enquanto Mark recita seu poema, imagens da sua colação de grau passam. E vemos logo ao iniciar o filme o quanto Mark lutou contra todas as barreiras internas e presentes na sociedade, tal feito o fazendo participante de uma reportagem sobre a sua vida, ele ia de encontro a visão da época do que é ser uma pessoa com deficiência e nos faz refletir sobre a importância e valor da conquista acadêmica e a busca por pertencimento em um mundo que muitas vezes valoriza apenas o que é visível. Quando Mark expressa que ao ouvir os aplausos e receber congratulações, sente-se dividido entre a alegria do reconhecimento e a dúvida sobre sua verdadeira inclusão no grupo dos formandos. A ideia de estar em um palco, cercado por amigos e familiares, simboliza tanto uma realização pessoal quanto um questionamento profundo sobre a própria identidade e o lugar que ocupa na sociedade. Quando ele fala, “Hoje eu ouço as pessoas aplaudindo”, evoca um momento de celebração, mas também uma

distância entre ele e a plateia. O aplauso é um som que, embora envolvente, pode ser percebido como uma forma de reconhecimento superficial. A alegria dos outros contrasta com a insegurança interna de Mark, que se pergunta se realmente pertence àquele grupo. A formação acadêmica, muitas vezes celebrada como um símbolo de sucesso, pode ser encarada como um peso, trazendo a responsabilidade de se conformar a padrões e expectativas sociais.

A expressão “que estudaram, leram, escreveram e passaram no teste beca e cabelo” revela a pressão que a sociedade impõe sobre os graduandos. E quando ele fala sobre “teste beca e cabelo” simboliza os rituais e as aparências que cercam a formatura, ressaltando a superficialidade que pode acompanhar essas conquistas. E aqui Mark se vê em um dilema: mesmo após ter alcançado um marco significativo em sua vida, ele questiona se essa conquista é suficiente para integrá-lo aos demais. Esse questionamento é comum em muitos graduandos que, apesar de suas realizações, sentem-se deslocados ou menosprezados.

A última linha do poema, “Hoje espero que vejam um homem em cima do palco”, reforça essa luta interna. O desejo de ser visto como um homem, com suas conquistas e dignidade, contrasta com a insegurança de se sentir apenas um “candidato” à aceitação social. Esse clamor por reconhecimento vai além do contexto da formatura, refletindo uma busca por validação e um lugar em uma sociedade que frequentemente mede valor por critérios externos.

Quando eu procurei associar as experiências de Mark com as minhas a partir deste poema, podemos ver como a percepção do mundo e de si mesmo pode ou não mudar radicalmente. Para uma pessoa cega, a realidade é muitas vezes moldada por sons, toques e sensações, em vez de imagens. No contexto da formatura, o aplauso ainda é uma forma de reconhecimento, mas a ausência da visão transforma a experiência em algo mais íntimo e profundo. O som da celebração pode ser sentido como uma onda de apoio e acolhimento, mas também pode reforçar a sensação de exclusão.

Assim como Mark, uma pessoa cega como eu, pode questionar seu lugar na sociedade. A dificuldade de se sentir parte de um grupo que frequentemente se baseia na aparência pode ser um desafio maior. A busca por um espaço na comunidade, por reconhecimento e aceitação, é uma luta constante. Entretanto, essa experiência pode também promover uma conexão mais profunda com os outros, onde o valor se concentra em interações humanas genuínas, em vez de nas aparências. A formatura, portanto, pode ser vista sob duas óticas: a de quem a vive de forma tradicional e a de quem tem uma experiência diferente, mas igualmente rica. Ambas as perspectivas ressaltam a importância da inclusão e da aceitação. O que realmente importa não são apenas os rituais externos, mas sim as histórias e as vivências

que cada indivíduo carrega consigo. Então, o poema “faculdade e formatura” nos faz refletir sobre a verdadeira essência das conquistas e sobre o que significa pertencer. Ele nos lembra que, independentemente das diferenças, o desejo de ser reconhecido e aceito é uma experiência universal, que transcende as barreiras arquitetônicas, atitudinais, da deficiência e urbanas, nos conectando em uma busca comum por valor e inclusão.

No filme e em vida Mark era incapaz de mover seu corpo abaixo do pescoço, no entanto, ele é capaz de sentir o toque apesar de sua limitação motora. Mark é cristão católico e por essa razão a sua crença nos princípios cristãos no início surgem como uma primeira barreira para dar continuidade ao seu projeto, o que o leva a procurar ajuda e orientação ao padre de sua paróquia. Neste filme são abordados muitos construtos sociais que cercam a pessoa com deficiência, mas também, as barreiras levantadas pela própria pessoa com deficiência a respeito de si mesmo. E eu, autor deste trabalho, como pessoa com deficiência com cegueira total de ambos os olhos, me vi em situações semelhantes ao do protagonista do filme quanto às questões capacitistas, que no filme elas surgem de inúmeras formas.

No artigo intitulado *A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas* de Michael S. Kimmel. Neste artigo o autor vai dizer que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento de um país, não são etapas obrigatórias. E sim que o desenvolvimento precisa e que até se cria de forma deliberada a condição de países que permaneçam no subdesenvolvimento. E que o mesmo se aplica nos discursos da construção histórica dos significados de masculinidade, ou seja, enquanto o discurso hegemonic de uma parcela de indivíduos se perpetuava e se solidificava, necessariamente e deliberadamente outras pessoas, outras classes sociais ficavam invisíveis.

E no filme estas sexualidade e masculinidade dos corpos das pessoas com deficiência é explorada e o quanto de fato isto ainda hoje causa aversão a normativa aos olhos das pessoas que não tem deficiência. E dois diálogos no filme que, para mim, corroboram esta minha afirmativa. A primeira é quando o atendente do motel conversa com a cuidadora de Mark e a segunda é quando Mark convida a substituta do para saírem.

“Atendente: - Então, qual é o problema do teu chefe?

Cuidadora: - Basicamente ele só mexe a cabeça.

Atendente: - Então que tipo de terapia eles estão fazendo?

Cuidadora: - Tão fazendo sexo.

Atendente: - Está brincando! (falando em gargalhadas)”

Este outro diálogo acontece em um lugar público que Mark convidou a substituta do sexo para sair.

“Cheryl: - Sobre o que vamos falar?

Mark: - Não precisamos falar muito. Eu só queria ser visto com você em público.

Queria que as pessoas dissessem: quem é aquele deficiente com aquela loira linda?

Como ele deu tanta sorte?”

Desde quando eu fiquei cego a sociedade procura me convencer de que o meu corpo é invalidado para o desejo, como se minha deficiência fosse uma barreira para que eu tivesse autonomia sobre minha própria sexualidade. Esta visão reducionista não surge por acaso, pois ela é nutrida historicamente por discursos médicos e sociais que tratam a deficiência ora como algo que deva ser superado, ora por algo insuperável, absoluta e definitiva.

Nos artigos “Este corpo me pertence”, de Nádia Meinerz, e “Nada sobre nós, sem nossos corpos”, de Marcos Gavério, percebo importantes reflexões sobre a forma de como os corpos das pessoas com deficiência são patologizados e infantilizados, sendo muitas vezes privados de uma vivência sexual plena e autônoma. Meinerz discute como a sexualidade das pessoas com deficiência foi associada a perigos, desvios ou inversamente, ao mito da pureza assexuada, sendo reforçada por dinâmicas de tutela e interdições legais que limitam nossa capacidade de consentir e desejar. No entanto, Gavério nos traz uma crítica ao modelo biomédico que, historicamente, tratou o corpo com deficiência como um “problema anatômico”, ignorando os aspectos sociais e políticos que moldam as vivências desses corpos. A patologização da sexualidade, especialmente no campo psiquiátrico, tem raízes em um discurso biomédico que busca controlar nossos corpos, tratando desejos como sintomas a serem eliminados.

A psiquiatria tradicional frequentemente reforçou a imagem do corpo deficiente como perigoso ou impróprio para práticas sexuais. E nesse sentido, a castração química e a supressão de desejos por meio de medicamentos foram justificadas em nome da “proteção”. E esse controle já vinha sendo combatido por Gavério, que destaca como o corpo com deficiência deixou de ser meramente uma entidade anatômica para se tornar um campo de disputa política e cultural. A exploração da sexualidade e da masculinidade no filme nos mostra como essas questões ainda provocam desconforto em pessoas sem deficiência. Como na cena no motel em que o atendente está totalmente incrédulo ao saber que Mark está ali para fazer sexo, onde este comportamento corrobora com a ideia de que a sexualidade de uma pessoa com deficiência é algo absurdo. Por outro lado, o desejo de Mark de ser visto em

companhia de uma mulher bonita desafia diretamente a invisibilização de nossos corpos enquanto sujeitos desejantes .

E neste sentido, posso afirmar que: meu corpo me pertence. Isto porque eu sinto, tenho desejos e eu e todas as pessoas com deficiência têm o direito de viver experiências de amor e prazer. E é exatamente por isso, que eu me recuso a aceitar a infantilização e a negação da minha sexualidade. Onde a luta por direitos sexuais e reprodutivos das pessoas com deficiência é, portanto, uma luta por autonomia e liberdade. E que precisamos reivindicar não apenas o direito de desejar, mas também o de sermos desejados e respeitados em nossa integridade.

A teoria crip, mencionada por Gavério, oferece uma perspectiva libertadora ao desconstruir padrões normativos de corpo e sexualidade, onde se propõe uma ética que acolha a diversidade de experiências corporais e sensuais. Tal qual no movimento feminista, que desafiou a ideia de que os corpos das mulheres existem apenas para a procriação. E por isso precisamos questionar a narrativa de que nossos corpos são apenas objetos de cuidados médicos e tutela.

E por fim, o meu corpo me pertence e a minha sexualidade e masculinidade não precisam da validação de ninguém para ser legítima. Creio que, ao ocupar os espaços de fala e reivindicar nossos direitos, estamos contribuindo para desconstruir um sistema capacitista e moralista que ainda persiste em silenciar nossos corpos e nossos desejos.

4 A RELIGIÃO COMO FONTE DE ABSOLVIÇÃO, OPRESSÃO E CONDENAÇÃO

Neste capítulo vou me concentrar nos impactos do pertencimento religioso do protagonista, pois essa é uma característica que se destaca na minha recepção do filme como um elemento de identificação. Não é incomum encontrarmos pessoas com deficiência que de alguma forma se sintam culpadas pela sua condição imposta pela deficiência. Além disso, outra característica marcante entre as pessoas com deficiência é a sua religiosidade. O condicionamento de sua vida, de sua existência atrelada à sua fé.

Cheguei a conhecer algumas pessoas com deficiência que em alguns momentos encaram sua deficiência como algo “dado” por Deus. Seja por algum erro cometido, seja por alguma provação que esta pessoa precisa passar. Além disso, sofremos pela visão capacitista, onde não importa o quanto tentemos nada irá mudar, ou nos enxergam como seres apenas dignas de pena. Estas afirmações são baseadas não apenas nas minhas observações em contato

com outras pessoas com deficiências, mas também nas minhas próprias experiências e nas de Mark sendo retratadas em um filme.

O foco deste eixo não é descredibilizar a religiosidade e nem a fé, mas sim, trazer para a discussão de como elas afetam a vida não apenas da pessoa com deficiência, mas também, a vida daqueles que são sua rede de apoio. E no filme que está servindo de base para este trabalho, traz como a religião tem uma forte influência na vida do protagonista em tudo o que acontece com ele, principalmente as coisas quando dão errado e isso o faz acreditar que Deus o está punindo de alguma forma. Como no diálogo transcrito abaixo onde Mark pede conselhos ao padre:

“Padre: - Estamos falando de relação sexual?

Mark: - Eu acho que sim.

Padre: - Sem um casamento? E é pra isso que você quer o meu conselho?

Fornicação?

Mark: - Seu conselho como amigo.

Padre: - Está levando isso a sério.

Mark: - Eu acho que sexo é um assunto sério. É um dos assuntos mais recorrentes na Bíblia. Então... é possível eu conhecer uma mulher no sentido bíblico por assim dizer? E... será que eu quero descobrir?”

É impressionante como o filme traz todos os dramas, situações e questionamentos que nós, pessoas com deficiência, vivemos todos os nossos dias. E logo no início do filme, surge uma situação muito típica sobre relações de poder. É uma cena onde Mark está conversando com o Padre a respeito de uma de suas cuidadoras.

“Mark: - Trata-se de uma de minhas cuidadoras. Quero mandar ela ir embora.

Padre: - Ela é desonesta ou incompetente?

Mark: - Não, não é nada disso. É porque ela me olha de um jeito torto. É um olhar que diz que eu preciso mais dela, do que ela de mim. Eu quero mostrar que ela está errada, só pela sensação maldosa. Isso é pecado padre?

Padre: - E isso te perturba?

Mark: - É óbvio que me perturba, isso me perturba bastante! E se isso for só uma relação de poder? Eu contra ela? Eu contra o mundo?”

Nunca em minha vida as relações de poder estiveram tão em foco e perigosamente ameaçadoras, isto porque, a minha vontade quase que diariamente é ameaçada pela existência

suprema que na visão de minha mãe católica, eu devo “entregar a minha vida nas mãos de Deus”. Se eu fizer isso, esse Deus irá me dar coisas como: uma boa esposa, boa saúde e até quem sabe um bônus, que é a devolução da minha visão e um monte de outras coisas. Essa perspectiva sobre a deficiência ainda é bem presente em nossos dias de hoje, porém para a geração de meus pais é ainda mais incisiva.

Mark e eu somos homens Cristãos e com deficiência. No entanto, a concepção de Deus é totalmente diferente para nós. Eu fui crismado em novembro de 1998 e desde então eu nunca mais pisei em uma Igreja. No filme, Mark procura a orientação do padre de sua paróquia para pedir a aprovação da Igreja para ele poder continuar a pôr em prática o seu desejo de não ser mais um homem virgem. Com tudo, o que ele não esperava era que nesta procura pela absolvição de um possível pecado ele iria encontrar um amigo para a vida toda.

Mark era um homem atormentado pelo seu próprio julgamento que era reforçado por suas crenças religiosas que eram muito fortes naquela época. Então tudo o que acontecia de errado durante esta sua busca de se empoderar como homem, ele dizia que isto não estava acontecendo porque se tratava de um castigo Divino. E foi só com o padre e principalmente com a Cheryl que ele conseguiu se desvencilhar desta sua condição de se sentir culpado e de que não era merecedor de viver uma vida plena.

No entanto, comigo isto não aconteceu, mas a religiosidade se manifestou de outras formas igualmente incômodas. Eu nasci com uma deficiência, mas fiquei cego aos 33 anos de idade, ou seja, a visão capacitativa da Igreja só surgiu depois que fiquei cego e passei a andar com uma bengala, óculos escuro e ou acompanhado de outra pessoa.

Enquanto que Mark vivia se auto julgando por sua deficiência, aqui no meu caso o julgamento é feito por outras pessoas e o incômodo maior é que há esse reducionismo exacerbado e apelativo da visão cristã de que sou “coitadinho”, e que Deus fez isso por alguma razão que eu ainda não descobri, porque ainda não é a vontade de Deus.

No entanto, Mark e eu, tivemos algo em comum neste aspecto da religiosidade. Mark, encontrou um amigo quando procurou o padre de sua congregação, e eu ganhei também dois padres que até hoje somos amigos. Os padres Ronaípe e Josué, foram meus professores na minha crisma. E naquela época eu ainda enxergava, estava com 17 anos de idade. E foi sob as orientações deles que eu comecei a investigar sobre qual era ou poderia ser a causa da minha visão que já naquela época já estava um pouco comprometida. Foi com eles que comecei a ter uma visão mais ampla de mundo e boas orientações para a vida.

A minha concepção de Deus que tenho hoje, tem como referência o Deus que Baruch Spinoza (1979) entende. Spinoza foi um filósofo holandês do século XVII, e para ele Deus é

diferente da concepção tradicional judaico-cristã. Para ele, Deus não é um ser pessoal, antropomórfico, que cria o mundo a partir do nada e o governa de fora. Em vez disso, Spinoza propõe uma visão monista, na qual Deus e a Natureza são idênticos.

Esta é nossa maior divergência, entre mim e Mark, porém, como já havia dito antes, eu ainda sofro formas igualmente incômodas de uma opressão e julgamento a partir da Igreja. Frases como da minha mãe “Filho, reze para Deus te devolver a tua visão” ou “meu filho Deus te tirou a visão, mais te deu uma boa esposa” ou “entregue a tua vida nas mãos Dele meu filho e tudo vai se arrumar”. E do meu ponto de vista o sofrimento de Mark era mais intenso pelo peso imposto da religião, se é que eu posso comparar. Isto porque o sofrimento dele partia principalmente dele, dos seus constantes julgamentos de si mesmo. Por outro lado, estes julgamentos e frases alienadas e enviesadas, como as da minha mãe são do meu ponto de vista muito mais fácil de se resolver.

Mark acreditava em até um certo ponto de sua vida em um Deus que tinha um péssimo senso de humor, de um Deus que o punia por causa de seus erros e por causa disso ele acreditava que não era amado pelo seu Pai e isso se refletia em sua vida onde ele acreditava que nunca seria amado por alguém.

Durante o filme, Mark, ao escrever um poema para Cheryl expressando os seus desejos mais íntimos, vive um momento de paixão que ultrapassa os limites do acordo feito entre os dois inicialmente, tanto profissionais quanto pessoais (seis sessões para evitar a probabilidade do cliente se apaixonar). Movido por esses impulsos, ele não discerniu as consequências que poderiam prejudicá-la no âmbito familiar e como terapeuta sexual. Sua ciência do fato dá-se ao mencionar no título do poema a expressão “ninguém especial”, aquela que ele desejava (“especial”, mostrando aspectos de individualidade, particularidade e propriedade), mas não poderia ser dele (“ninguém”, que é passageiro). “A luxúria é o desejo e o amor imoderados pela conjunção dos corpos.” (Spinoza, 1979, p. 259). Para Spinoza, a luxúria é um desejo, que quando exacerbado, ele se torna uma paixão alienada que se diverge da razão. Onde a razão é a fundação para a liberdade. E para mim, esta visão de Spinoza, me faz refletir sobre a autonomia e sobre as conexões humanas que ultrapassam as questões sensoriais, atravessando o espaço racional e emocional dos indivíduos.

“Aqueles que confundem a natureza divina com a humana, facilmente atribuem a Deus afetos humanos, sobretudo à medida que também ignoram de que maneira os afetos são produzidos na mente.” (Spinoza, 1979, pág. 107). Ou seja, a compreensão de Deus deve ser livre das limitações humanas, como os desejos e os sentimentos de posse. Eu não preciso carregar um rosário no pescoço ou atrelar as minhas orações aos anjos, arcangels ou santos. A

minha crença em Deus não está limitada ao físico, e dessa forma eu acredito estar numa relação mais próxima e direta com esta Unidade.

5 MASCULINIDADE E A SEXUALIDADE EM NOSSAS VIDAS

A sexualidade masculina com deficiência é um tema ainda mais delicado e pouco explorado. A interseccionalidade entre gênero, deficiência e sexualidade cria uma complexidade de experiências e desafios que muitas vezes são invisibilizados. Eis que surge o questionamento, como o modelo social se relaciona com a sexualidade em homens com deficiência? O modelo social nos provoca a desconstruir a ideia de que homens com deficiência não possuem desejos ou necessidades sexuais. A sexualidade é um aspecto básico da vida humana e não deve ser negada ou minimizada por conta de uma condição física. Sendo inerente o direito das pessoas com deficiência à autonomia e à tomada de decisões sobre seus próprios corpos. Isso inclui o direito de viver sua sexualidade de forma plena e satisfatória.

Além disso deve-se garantir que homens com deficiência tenham acesso a informações e serviços de saúde sexual adequados, incluindo orientação sobre contracepção, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e relações sexuais seguras. Por fim é preciso combater a discriminação e o preconceito contra homens com deficiência em relação à sua sexualidade. A falta de informação e os estereótipos podem levar ao isolamento social e à negação dos próprios desejos.

A sexualidade é influenciada por diversos fatores como a cultura, a religião, a família, amigos e a mídia. É importante ressaltar que a sexualidade é fluida, ou seja, ela se ajusta ao longo da vida. É importante saber que existem inúmeras formas de expressar a sexualidade, e não há uma única maneira "correta" de expressar a sua sexualidade. A experiência sexual de cada pessoa é única e influenciada por sua história de vida e suas circunstâncias particulares.

A conscientização dos corpos, e nós pessoas com deficiência, é algo que talvez para muitas pessoas e para a própria pessoa com deficiência é algo que não faz o menor sentido. Porém, para mim e Mark, esta percepção e consciência dos nossos corpos foram objetos de desenvolvimento para que cada um, ele em sua vida de homem com poliomielite e eu como pessoa cega, tivéssemos a certeza de que uma vida sexual é possível e que somos capazes de sermos objeto de desejo. Mark em seus relacionamentos utilizou-se de inúmeras formas para explorar a sua sexualidade como a poesia e a oralidade de suas palavras para além das

limitações do seu corpo. Abaixo a poesia de Mark, intitulada “Poemas de amor para ninguém em especial” (s.d.):

“Deixe-me tocá-la com minhas palavras
 Pois minhas mãos inertes pendem como luvas vazias
 Deixe minhas palavras acariciarem teus cabelos e deslizar pelas tuas costas e
 fazerem cócegas em tua barriga
 pois minhas mãos leves, mas inertes como tijolos
 ignoram minhas vontades e se recusam em realizar os meus desejos mais silenciosos
 deixe minhas palavras entrar em sua mente, levando tochas
 admitas de peito aberto no seu corpo
 para que possam lhe acariciar gentilmente aí dentro.”

Ao ouvir pela primeira vez este poema recitado na íntegra na missa de sétimo dia de Mark, na qual Suzan, sua esposa ecoa toda a dor, frustração e raiva que ele sentia. Porém, sem dúvidas o mesmo vale para quando eu senti todo o amor, o carinho, o cuidado e a sua vulnerabilidade, não de um homem com deficiência, mais de um homem que estava se entregando, entregando tudo aquilo que ele tinha de melhor para a pessoa amada. Eu já me senti assim um dia. E desde esse dia, nunca mais estive sozinho, estou casado há 16 anos e há dez estou cego e muita coisa mudou, ajustes são necessários, os acordos e os diálogos e até hoje tem dado certo. E abaixo eu irei traduzir o poema de Mark de acordo como este poema me atingiu.

Este é um desabafo para que as palavras, que tanto têm poder, possam fazer o que as mãos, pesadas e inertes, não conseguem: tocar, acariciar e envolver as mulheres que ele tanto amou, primeiramente a sua cuidadora e logo após, Cheryl, que o inspirara para fazer este poema.

Quando Mark diz "deixe-me tocá-la com minhas palavras", ele não se refere apenas a uma simples comunicação. É uma outra forma de se unir intimamente, uma tentativa de estabelecer um vínculo que transcende o físico. Então quando ele fala “minhas mãos, incapazes de realizar o que tanto desejo”, tornam-se metáforas da impotência que ele sente. “Elas pendem como luvas vazias”, simbolizando não só a falta de ação, mas também a incapacidade de expressar todas as emoções e sentimentos que ele sente. O contraste entre a leveza das palavras e a rigidez das mãos reflete a luta interna entre o que ele deseja e o que ele é capaz de fazer.

A ação de tocar os cabelos de alguém ou deslizar suavemente pelas costas traz uma sensualidade delicada, uma forma de carinho que vai além do toque físico. É um desejo de se tornar um com a pessoa amada, de fazer com que ela sinta a profundidade da presença, admiração e do amor. Quando as palavras fazem cócegas na barriga, isso expressa a leveza, a

alegria e a vulnerabilidade que a relação pode proporcionar. Elas têm o poder de invadir a mente, de levar tochas que iluminam os cantos mais escuros do ser. Essa iluminação é uma forma de conexão profunda, onde a mente e o coração se entrelaçam.

Entretanto, a frustração é sentida “Minhas mãos leves, mas inertes como tijolos”, remete uma perspectiva poderosa de uma batalha interna. Aqui, a leveza das palavras contrasta com a total inércia diante da sua vontade. O peso de suas vontades não correspondidas se torna quase insuportável. E o fato de suas mãos não atenderem a sua vontade em realizar os desejos mais silenciosos repercute a dor de um amor que se sente estagnado, um amor que anseia por liberdade, mas que, por algum motivo, não pode se manifestar plenamente.

Por fim, ao pedir que suas palavras entrem em sua mente e acariciem gentilmente seu corpo, é um desejo por um lugar seguro onde eles possam se encontrar. Um espaço onde a vulnerabilidade é bem-vinda, onde os medos e anseios podem ser compartilhados sem medo de julgamento. As palavras, então, se tornam uma forma de tocar a alma, de iluminar o interior da pessoa amada, criando uma experiência compartilhada que vai além do físico.

Para concluir esta minha interpretação de pessoa com deficiência, este poema é um grito silencioso por conexão, por intimidade e pela capacidade de expressar o que muitas vezes fica preso nas sombras do nosso ser e por muitas vezes são sufocados por uma cultura alienada e enviesada onde nós, pessoas com deficiência, somos excluídos, segregados e muitas vezes integrados e tão pouco verdadeiramente incluídos. Este poema fala sobre o desejo de tocar, de ser tocado, de viver uma experiência de amor que, embora possa ser complexa e cheia de obstáculos, é, acima de tudo, uma busca incessante por significado e conexão verdadeira. As palavras, essas flechas da alma, têm o poder de construir pontes onde as mãos falham, e por isso, peço, deixem que elas toquem o que está além do alcance físico, tocando, assim, o mais profundo do nosso ser.

E depois que eu fiquei cego, eu também junto com minha esposa passamos por mudanças. Até porque, certamente o aspecto da visão é um forte contribuinte para este desenvolvimento. E assim como Mark, nós tínhamos procurado por ajuda especializada, foi uma sexóloga que morava aqui em Maceió/AL em 2015.

E durante as nossas sessões, que foram cerca de 7 no total, nós trabalhávamos a percepção de nossos corpos a partir dos outros sentidos como o tato, o olfato, paladar e audição. “Conhecer a ti mesmo como fonte de desejo e prazer, para si e para o outro.”, foi uma frase que ficou fixada para sempre em nossas memórias.

Então quando a personagem Cheryl propôs para Mark a conscientização do seu corpo, eu pude perceber a mesma ansiedade, medo e nervosismo que ele sentia por talvez acreditar que o caso dele estaria fadado a uma existência ausente deste contato, ausente de amor e de se relacionar com alguém, haja vista que ele já tinha uma sentença imposta por Deus, por ele acreditar que isto estava acontecendo por ele se sentir culpado pela morte de sua irmã.

Por outro lado, a masculinidade hegemônica impõe expectativas sobre o que significa ser homem, e a deficiência frequentemente desafia essas normas. Homens com deficiência se veem em uma contraposição: devem se provar "homens de verdade" em uma sociedade que os enxerga como desprovidos de virilidade. Nesse contexto, a sexualidade, especialmente a heterossexualidade, emerge como um elemento crucial para validar a masculinidade. Aquele que consegue desempenhar o papel de homem heterossexual ativo tem sua masculinidade afirmada, enquanto os que não se encaixam nesse padrão têm sua identidade masculina questionada e invalidada. Essa dinâmica reforça a exclusão e a marginalização de homens com deficiência que não correspondem às expectativas da masculinidade hegemônica. Tanto é verdade que quando Mark conhece Suzan, a última coisa que ele fala para ela antes de se despedirem é "Eu não sou virgem".

O filme nos mostra o tempo todo que sempre estamos em alguma forma de relação de poder, seja em relação ao outro, seja em relação a alguma coisa. E durante o tempo em que eu assistia o filme, eu tive que parar algumas vezes para poder refletir sobre as cenas ou diálogos que acabara de ouvir.

Não há como eu assistir este filme e não perceber que a minha vida não é tão distante da de Mark. Eu ficava me perguntando, quantas pessoas com deficiência assim como eu, já não tivemos em situações parecidas de relação de poder? Quantas pessoas próximas da gente se julgam donas de nossas vidas, de nossas escolhas, vontades e desejos? E o que dá nessas pessoas o direito de se darem este poder sobre nossas vidas?

Confesso que sempre que eu paro para pensar nisso, eu fico muito angustiado e com medo. O cuidado não pode servir como desculpa para justificar a exacerbção do uso deste poder, e nem o amor pode dar este poder. Durante o passar do filme, vemos Mark se apaixonar e amar três mulheres e ser correspondido pelas três, claro que em tempos distintos de sua vida, entre os 38 anos e 49 anos de idade, não foi um amor que podíamos dizer que era por pena ou caridade dessas mulheres, mas um amor genuíno e que fugia de todas as regras e normativas hegemônicas de um discurso social, evidentemente em um diálogo entre a cuidadora de Mark com seu namorado:

“Namorado: - E aí, você toca nele?
 Cuidadora: - O que você... é, eu faço tudo. Tem mais perguntas?
 Namorado- Nojento.
 Cuidadora: - O que? O que você disse?
 Namorado: - Olha você não precisa ficar na defensiva. Eu não me sinto ameaçado por ele.
 Cuidadora: - É? Por que não? Deus! Ele é mais homem do que você!”

O diálogo do filme, embora ambientado no final dos anos 80, retrata uma realidade ainda presente nos dias atuais. As barreiras atitudinais que impedem, ofendem e negam o direito ao relacionamento amoroso e sexual de pessoas com deficiência persistem. Os diálogos, mesmo curtos, revelam a carga de preconceitos e a negação da sexualidade e afetividade da pessoa com deficiência. Esses sentidos, muitas vezes, passam despercebidos por aqueles que não vivenciam essa realidade, evidenciando a falta de conscientização e empatia em relação às experiências e desejos das pessoas com deficiência.

O filme também mostra de uma forma sutil outro aspecto da masculinidade, onde eu e Mark vivenciamos de forma muito próxima uma da outra. Por causa de nossas deficiências nós nunca tivemos a oportunidade de aprendermos algum tipo de trabalho braçal como a carpintaria, alvenaria, hidráulico, elétrico, mecânico ou quaisquer outros trabalhos “típicos” de homens. E por essas razões, nós, eu e Mark, fomos trabalhar de uma outra forma para além dessas citadas, que foi o trabalho intelectual, a vida acadêmica e que até metade do século XX, o homem que não tinha um trabalho braçal não era considerado como homem.

E Kimmel (1998) traz estas perspectivas da concepção do que é a masculinidade através da história até os dias atuais. Porém, ainda sim, eu e Mark temos a nossa masculinidade aniquilada pelos homens que compartilham o mesmo espaço que nós.

No início, quando havia acabado de ficar cego, a minha esposa fazia algumas reclamações para mim do tipo “não, o Rafa não faz trabalho pesado não. Ele pode se machucar”. Eu entendo que a minha deficiência exige cuidados, no entanto, cuidado demais pode ser perigoso, porque pode acabar impedindo que eu tenha as minhas próprias experiências.

De acordo com Kimmel (1988, pág. 103) “A medida em que o ideal hegemônico de masculinidade se estabelece, este é criado por oposição a um feixe de ‘outros’.” A ideia de “outros” é muito pertinente para nós, homens com deficiência visual, isso porque com muita frequência enfrentamos estereótipos e por causa disso somos vistos como fora do ideal de masculinidade como viril e auto suficiente. E neste sentido vale a pena trazer outra afirmação

de Kimmel com relação às construções históricas dos significados de masculinidades, (Kimmel, 1988, pág. 104) “essa comparação entre masculinidade e economia sugere que, assim como o capital, a masculinidade é uma construção de poder que nem sempre favorece aqueles que vivem com limitações físicas.

O mesmo pensamento para o autor vale para o fato que nossas experiências dependem da classe, raça, etnicidade, idade, região do país. Adicionando “deficiência” a esta lista, nota-se como nossa vivência molda e distingue a forma como somos homens, reconhecendo que cada experiência é única e cheia de desafios. A necessidade de validação constante se intensifica para homens com deficiência visual, que frequentemente precisam provar sua capacidade e independência. Para Kimmel (1988) a principal maneira pela qual os homens buscavam demonstrar a sua aquisição bem-sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade. O impacto de desvalorizar outras masculinidades torna-se mais evidente para quem já enfrenta preconceitos, como no caso de homens cegos, onde o valor masculino não deve depender de características físicas. Ao citar a visão de um “homem completo” exclui muitas pessoas, inclusive homens cegos, destacando o quanto ainda existe um estereótipo restritivo de masculinidade.

O patriarca gentil foi redefinido como um pavão europeu afetado, “bichinha do século XIX” pela demonstração da sua arte. Essa redefinição estereotipada nos revela como se desafiam os diferentes modelos de masculinidades e como os homens cegos, por exemplo, enfrentam uma percepção alienada em relação a força e a autonomia e a independência. Quantas vezes eu como pessoa cega já fui descredibilizado e aniquilado e até impedido de realizar algum trabalho braçal apenas por eu ser cego? “O homem selvagem está imerso na paz e na liberdade . Ele só quer viver e permanecer à toa” Kimmel, 1988, pág. 108). Esse conceito de liberdade muito provavelmente para mim ressoe de forma diferente, no entanto eu não posso afirmar que para outros homens cegos esse conceito seja diferente. A liberdade que eu busco não está relacionada à autossuficiência, e sim, em ter uma vida digna e o mais autônoma possível.

Para ele tudo que é sólido se desmantha no ar, tudo que é sagrado torna-se profano. Esta frase reflete o quanto as expectativas de masculinidade podem mudar, talvez abrindo espaço para redefinir masculinidades que incluem homens cegos de forma mais inclusiva. Ainda afirma que onde a satisfação da vocação não pode ser diretamente relacionada aos valores culturais e espirituais. Homens cegos frequentemente buscam significado em áreas diferentes, que não se alinham com a ideia de masculinidade baseada no trabalho físico, mas que também são valiosas.

Eu, PA e Mark somos representantes que materializa a masculinidade subalterna. Isso nos aproxima dos homossexuais, dada a opressão que eles vivem, que é parecida com a que nós vivemos, onde eles não correspondem os ideais de uma masculinidade hegemonic diante da sociedade, e nós, homens com deficiência ao de não atendermos as expectativas de virilidade, de performance e homem perfeito fisicamente. Todo o esforço e luta por sermos compreendidos como donos dos nossos corpos e que podemos fazer aquilo que quisermos com ele deve ser válido e ser conquistado nosso espaço como seres humanos dignos de viver nossa sexualidade livremente, que nossas decisões não devem ser patologizadas, pois o corpo e a vida perfeita que desejamos está naquilo que nos permite ser quem nós somos e almejamos desfrutar amorosamente e sexualmente.

Kimmel (1988, pág. 108) menciona que "o pobre ego tem coisas ainda piores: ele serve a três mestres severos...", em outras palavras, as pressões sociais, familiares e culturais sobre homens cegos podem parecer tão rígidas quanto esses "mestres" que moldam as expectativas de masculinidade, ou seja, "O Artesão Heróico é o ideal mítico do operário honesto, cuja virtude vem da sua dedicação à indústria." (Kimmel, 1988, pág. 110). Este arquétipo do trabalhador manual nem sempre é acessível a homens cegos, reforçando que o valor masculino precisa ir além da força física ou habilidade manual. Já o Patriarca Gentil derivou sua identidade da posse da terra. Esse modelo de masculinidade com base na posse e na proteção de território tem pouca aplicabilidade para homens cegos, que talvez valorizem mais o território das ideias e da comunicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação da história de Mark O'Brien para o cinema em 'As Sessões' representa um passo importante na visibilidade e representação realista de pessoas com deficiência na mídia. Ao retratar abertamente questões de sexualidade e deficiência, o filme desafia estereótipos e contribui para uma compreensão mais nuançada das experiências vividas por pessoas com deficiência.

A relevância desse trabalho se apresenta pela necessidade de refletir sobre a pessoa com deficiência como indivíduo que tem seu direito à participação social, à acessibilidade, à comunicação, ao acesso à informação, entre outros, como no presente estudo, ao direito de se expressar sua sexualidade e validação da sua masculinidade. A análise partiu da minha perspectiva como pessoa com deficiência visual apoiada na teoria social da deficiência, que

nos instiga a ver o indivíduo muito além do diagnóstico, uma pessoa com desejos, sonhos, ânsia por conquistas e por viver plenamente sua sexualidade e masculinidade. O fato de não sermos ensinados a trabalhar nossa autoestima se soma ao peso do padrão do corpo perfeito imposto pela sociedade e resulta em desejos de competir com atitudes de masculinidade enraizadas ao longo das gerações, que apenas aumentam o isolamento social. A partir do filme, considero que as principais barreiras atitudinais encontradas na sociedade por homens com deficiência são a nossa infantilização ou os pré-julgamentos da nossa capacidade em sermos bons cônjuges e pais.

Para mudar a realidade das pessoas com deficiência e reduzir as desigualdades, é imprescindível uma atenção a essas barreiras atitudinais, para que possamos ter um ambiente mais justo e equitativo, onde as pessoas com deficiência possam exercer plenamente suas potencialidades e usufruir dos seus direitos. Outro aspecto é o acesso a espaços e recursos adequados como audiodescrição regulamentada e que permita a imersão em filmes e espaços culturais, garantindo que experiências como as retratadas no trabalho sejam acessíveis a todos. A adaptação de espaços públicos e privados assegurando a acessibilidade física, sensorial e informacional em escolas, locais de trabalho, transporte e ambientes culturais é necessária para gerar oportunidades de socialização, empregabilidade e expressão plena de pessoas com deficiência.

A educação e conscientização social como o pilar central, onde o educar sobre a deficiência e, muito além disso, que a pessoa precede seu diagnóstico, desconstruindo os estereótipos negativos que se sobrepõem ao interesse pelas capacidades das pessoas com deficiência. Para tanto, fazem-se necessárias campanhas educativas em escolas, espaços culturais e mídias voltadas à valorização da diversidade e à desconstrução desses estigmas, como a infantilização ou a negação da sexualidade. Esse formato deve se estender para educação em saúde e assistência social com programas de formação para profissionais para que estejam capacitados a lidar com pessoas com deficiência de maneira respeitosa e inclusiva garantindo que tenham recursos e sensibilidade para atender às necessidades de pessoas com deficiência, especialmente no campo da sexualidade que extremamente negligenciado. A Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência preconiza ações voltadas para sua saúde sexual e reprodutiva, incluindo medicamentos, recursos tecnológicos e intervenções especializadas. Atendimento com horários da semana previamente organizados, os com todo o suporte disponível (fácil acesso das unidades de saúde, acesso com rampas e sinalização visual, em Libras e tátil, como também, intérpretes ou profissionais capacitados em Libras) além da oferta de atividades como rodas de conversas com o público

PCD com temas sobre sexualidade, a fim de compartilhar as vivências e anseios e saberem que seus desejos são inerentes, comum a todos. Outra questão crucial é promover a autonomia para incentivar a tomada de decisões sobre sua própria vida, e por fim, a autoestima, como o apoio psicológico para promover a saúde mental e trabalhar as barreiras inerentes para as PCDs.

Uma transformação estrutural requer engajamento em políticas públicas e ações que combatam desigualdades de forma sistêmica. A regulamentação e fiscalização de políticas inclusivas são importantes a fim de garantir sua efetividade juntamente com o desenvolvimento de pesquisas e monitoramento de dados estatísticos para compreender como outros fatores de desigualdades se cruzam com a experiência da deficiência.

REFERÊNCIAS

ANGIOFLUORESCEINOGRAFIA: entenda o que é e como funciona o exame. **Hospital de Olhos de Uberlândia.** Uberlândia - MG, 2019. Disponível em: <<https://holhosudi.com.br/angiofluoresceinografia-entenda-o-que-e-e-como-funciona-o-exame/>>. Acesso em: 13 out. 2024.

APRESENTAMOS com as Casas Bahia o projeto ‘Aprender e Transformar’. **Recode.** Rio de Janeiro - RJ, 2015. Disponível em: <<https://recode.org.br/casas-bahia-apresentam-o-projeto-aprender-e-transformar/>>. Acesso em: 13 set. 2024.

AS SESSÕES. Direção de Ben Lewin. Produção de Judi Levine, Stephen Nemeth, Ben Lewin. Roteiro: Ben Lewin. Música: Marco Beltrami. Such Much Films, Rhino Films. Estados Unidos, 2012. (95 min.), son., color. Drama, Romance, Biografia. Disponível em: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/the-sessions/7O0SzL2mLO4c>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências.** Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: 10 ago. 2024.

_____. Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000. **Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110048.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências..** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 01 de março de 2024.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Diretoria de Políticas Públicas de Eja. **Agenda territorial de desenvolvimento integrado de alfabetização e educação de jovens e adultos.** Brasília, DF, p.1-2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2054-texto-agenda-territorial-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 set. 2024.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência.** Brasília

: Editora do Ministério da Saúde, 2010, 24 p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_pessoa_com_deficiencia.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

CASTRO, A. P. F. et al. Aspectos clínicos da retinose pigmentar: revisão integrativa. **Research, Society and Development, S.L.J.**, v. 9, n. 12, 2020, p. 1-4, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11482>>. Acesso em: 12 ago 2024.

DINIZ, D. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos, p. 324. Disponível em: <https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2016/page/texto_o_que_e_deficiencia-2.pdf>. Acesso em: 30 nov 2024.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. Introdução à audiodescrição. 2020. Curso de capacitação produzido em Brasília. Português. Disponível em: <<https://www.escolavirtual.gov.br/catalogo?query=audiodescri%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

GAVÉRIO, M. A. Estranhos desejos: a proliferação de categorias científicas sobre os “desejos pela deficiência”. **Educação em análise**, Londrina, v.6, n.1, p.52-75, 2021. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/42320>>. Acesso em: 24 out. 2024.

_____. Nada sobre nós, sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos disability studies: Nothing about us, without our bodies! The location of the disabled body in disability studies. **Argumentos-Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 14, n. 1, p. 95-117, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1158>>. Acesso em: 20 set 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Pessoas com deficiência : 2022.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf>. Acesso em: 20 set 2024.

KIMMEL, M. S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes antropológicos, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/>>. Acesso em: 20 jun 2024.

MANUAL do Utilizador do NVDA 2024.4.1. NV Access Limited. St Lucia South, Austrália. Disponível em: <https://www.nvaccess.org/files/nvda/releases/stable/documentation/pt_PT/userGuide.html#GeneralFeatures>. Acesso em: 20 set. 2024.

MCRUER, R. Aleijando as políticas queer, ou os perigos do neoliberalismo. **Revista Educação em Análise**, v. 6, n. 1, p. 105-119, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/357948510_Aleijando_as_politicas_queer_ou_os_perigos_do_neoliberalismo>. Acesso em: 12 ago 2024.

MEINERZ, N. E. **Esse Corpo me Pertence? As "deficiências" na pauta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos.** In: João Marcos Francisco Sampaio; Maria dos Prazeres Gonçalves Rodrigues; Rafaela Andrade Leite; Elaine Cristina Pimentel; Olga Jubert Gouveia Krell. (Org.). Os que estão à margem. 1ed. MACEIÓ: EDUFAL, 2017, v. 1, p. 87-114.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde de A a Z. **Atrofia Muscular Espinal (AME).** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/ame>>. Acesso em: 15 set. 2024.

_____. Saúde de A a Z. **Poliomielite.** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/poliomielite>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

O'BRIEN, M. On Seeing A Sex Surrogate. **The Sun Magazine**, Chapel Hill, NC, issue 174, May 1990. ISSN 2164-0971. Disponível em: <<https://www.thesunmagazine.org/articles/23287-on-seeing-a-sex-surrogate>>. Acesso em: 31 out 2024.

PALAVRAS, Poesia Galvaneana & Outras (comp.). **Poema de Amor Para Ninguém em Especial (Mark O'Brien).** 2019. Autor: Mark O'Brien [s.d.]. Disponível em: <<https://www.poesiagalvaneana.com.br/2019/09/poema-de-amor-para-ninguem-em-especial.html>>. Acesso em: 26 set. 2024.

PRIMEIROS passos no Android com o TalkBack. **Google LLC.** Mountain View- Estados Unidos, 2023. Disponível em: <<https://support.google.com/accessibility/android/answer/6283677?hl=pt-BR>>. Acesso em: 13 set. 2024.

PULMÃO de aço. **Memorial da Pediatria Brasileira.** Copacabana- RJ, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.memorialpediatriasbp.com.br/pulmao-de-aco>>. Acesso em: 13 out. 2024.

RETINOSE pigmentar pode levar a cegueira e afeta 50 mil pessoas no Brasil. **Hospital de Olhos do Paraná.** Disponível em: <https://hopr.com.br/retinose-pigmentar-pode-levar-a-cegueira-e-afeta-50-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 15 nov. 2024.

REYNA, C. Antropologia e cinema: Algumas considerações teóricas-metodológicas. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 7, n. 13, p. 10–29, 2019. DOI: 10.21665/2318-3888.v7n13p10-29. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/12269>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SOUZA, M. L. R. Modos de ver e viver o cinema: etnografia da recepção filmica e seus desafios. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 13, 01 jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<https://rebeca.emnuvens.com.br/1/article/view/59/33>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

SPINOZA, B. A Ética, in **Os Pensadores**. Ed. Abril, São Paulo, 1979.